

História em Quadrinhos – linguagem, memória e ensino

Lúcia Maria de ASSIS
Universidade Federal Fluminense
lucia.a@puvr.uff.br

Resumo: As Histórias em Quadrinhos (HQ) compõem-se por enredos narrados quadro a quadro por meio de linguagem verbal e não-verbal. De forma lúdica, e ao mesmo tempo crítica, fazem-se muito próximas da realidade, traduzindo um olhar sobre o mundo. Ao analisar esse gênero discursivo, objetiva-se discutir como a configuração das linguagens das histórias em quadrinhos, um gênero e uma arte presente no mundo todo, reflete as condições culturais a que está ligado e, além disso, refletir sobre como esse gênero pode ser empregado na sala de aula das diferentes disciplinas a que um educando está exposto. Entende-se, assim, importante considerar as histórias em quadrinhos como documentação válida para melhor se observar questões relativas à linguagem e ao ensino.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos; Linguagem e ensino; Gênero Textual.

1- A questão dos Gêneros Discursivos

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (PCN, 1998), nas práticas sociais o homem cria a linguagem; nela e com ela, reproduz e transforma espaços produtivos. Afirma-se, assim, que a linguagem é o meio que o homem possui para representar, organizar e transmitir seu pensamento. Para isso, utiliza-se dos sistemas de linguagem verbal e não-verbal e seus cruzamentos, os quais possuem uma estrutura simbólica que constitui sistemas arbitrários de sentido e comunicação. Nas práticas sociais, o espaço de produção de sentidos é simultâneo. Nesse espaço, as linguagens se estruturam, as normas são partilhadas e negociadas, uma vez que, como diz Bakhtin, a arena de luta daqueles que procuram conservar ou transgredir os sentidos acumulados são as trocas lingüísticas. Essas trocas ocorrem por meio do emprego de diferentes gêneros discursivos, dentre eles, o gênero História em Quadrinhos.

Para melhor entendermos o conceito de gênero, apoiamo-nos nas considerações de Bakhtin (1997), Marcuschi (2001 e 2002) e Rojo (2001 e 2005) e, a princípio, nota-se uma diferença terminológica, pois, ao se referir aos gêneros, Bakhtin fala nos discursivos e Marcuschi nos textuais. Já Rojo (2005) diz que os estudos sobre gêneros podem ser divididos em duas vertentes teóricas: a dos gêneros do discurso e a dos gêneros de texto. A primeira centra-se, sobretudo, no estudo das situações de produção dos enunciados, e a segunda na descrição da materialidade textual.

Marcuschi, de certa forma, justifica a nomenclatura ao afirmar ser impossível estudar um sem o outro. Para tal justificativa, diz que “os textos são acontecimentos discursivos para os quais convergem ações lingüísticas, sociais e cognitivas” (Beaugrande, 1997 *apud* Marcuschi, 2002).

A convergência das abordagens de Bakhtin e Marcuschi comprova-se, também, ao se analisar o que cada um diz ao conceituar os gêneros. Para Bakhtin (1997:270): “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora

seus *tipos relativamente estáveis de enunciados*¹, sendo isso que denominamos gêneros discursivos”. Ao passo que, para Marcuschi (2002:219):

os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social (...) contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa (...). Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas.

Os gêneros, então, existem em função da necessidade humana de comunicação e se ampliam e modificam de acordo com as mudanças ocorridas na sociedade e as diferentes necessidades comunicativas. Como a sociedade vai-se modificando diuturnamente, inclusive com força da revolução tecnológica, os gêneros vão sendo ampliados na instauração de novas relações com os usos da linguagem e possibilitam a redefinição de alguns aspectos centrais na observação da linguagem em uso, como, por exemplo, a relação entre oralidade e escrita, desfazendo ainda mais as suas fronteiras. Alguns, entretanto, cristalizam-se formalmente em determinadas necessidades e intenções, como a réplica do diálogo cotidiano, a conversação telefônica, as produções científicas, as notícias de jornal, os classificados, as histórias em quadrinhos, entre outros. Devemos considerar, ainda, a crescente utilização de formatos de gêneros prévios com objetivos novos.

Como os gêneros transmutam e abarcam tudo o que é utilizado para a comunicação, torna-se tarefa extremamente complicada estabelecer-lhes uma categorização. Falamos sempre por meio de gêneros numa dada esfera de atividade humana, e é o contexto que determina as características do gênero a ser utilizado. Sendo assim, para Bakhtin (*op. cit.*) importa considerar a diferença essencial que os coloca em duas categorias básicas: a dos gêneros primários e a dos secundários. Os primários são simples e se constituem em circunstância de comunicação verbal espontânea; os secundários são aqueles que, tomando os primeiros, transmutam-nos e aparecem em situações de comunicação cultural mais complexa e mais evoluída, principalmente na forma escrita.

Rojo (2001:55), sobre tal categorização, diz que os gêneros:

primários são próprios da comunicação cotidiana privada (...) surgindo em situações de produção mais simples e mais próximas da palavra falada. Seriam o material discursivo básico sobre o qual se re-elaborariam os segundos, próprios das esferas sociais públicas de circulação dos discursos, que implicam situações de produção mais complexas, muitas vezes ligadas à escrita.

Marcuschi (2001), também se refere à dificuldade de categorização de todos os gêneros textuais existentes e, por isso, estabelece-lhes três amplos conjuntos: os tipicamente orais, os tipicamente escritos e os produzidos na interface oral/escrito. Pode-se dizer que esses conjuntos encaixam-se na denominação bakhtiniana, sendo os falado e escrito considerados primários ou secundários de acordo com sua complexidade. Porém aqueles produzidos na interface oral/escrito são gêneros essencialmente secundários, uma vez que se apossam de gêneros primários para se constituírem.

Sendo assim, é correto dizer que as HQ são um gênero secundário, posto que em sua elaboração utilizam-se recursos de um gênero primitivo, ou seja, da fala cotidiana. Tal afirmação confirma-se nas palavras de Bakhtin (1997:325): “Esses gêneros secundários, que pertencem à comunicação cultural complexa, simulam em princípio as várias formas da comunicação verbal primária”.

¹ Grifos nossos

2- O gênero História em Quadrinhos (HQ)

Retomando o que se afirmou sobre os gêneros secundários, podemos afirmar que as histórias em quadrinhos constituem um gênero discursivo secundário, pois aparecem em circunstâncias de comunicação cultural na forma escrita e, em função do enredo desenvolvido, englobam os gêneros discursivos primários correspondentes a circunstâncias de comunicação verbal espontânea. Além disso, segundo Assis (2002), os gêneros produzidos na interface oral/escrita são necessariamente secundários, como é o caso das HQ.

De acordo com Eguti (2001), a HQ tem como objetivo principal a narração de fatos procurando reproduzir uma conversação natural, na qual os personagens interagem face a face, expressando-se por palavras e expressões faciais e corporais. Sendo assim, todo o conjunto do quadrinho é responsável pela transmissão do contexto enunciativo ao leitor. Se compararmos a história em quadrinhos com o texto literário, podemos dizer que, na literatura, o contexto é obtido por meio de descrições detalhadas, realizadas com a palavra escrita. Na HQ, esse contexto é fruto da dicotomia verbal/não verbal, na qual tanto os desenhos quanto as palavras são necessárias ao entendimento da história.

Para Marinho (2004), se os quadrinhos procuram reproduzir uma conversação natural por meio da palavra escrita, esse gênero é propício ao estudo das modalidades oral e escrita da língua e, principalmente, do hibridismo oral/escrito, reforçando a existência de um *continuum* tipológico, como já afirmara Marcuschi (2002).

Alguns estudiosos já se dedicaram a essa análise da organização textual da HQ. Eguti (2001) diz que a história em quadrinhos não é um texto espontâneo nem natural (como as conversações orais), pois nela o autor apenas recria, simula os diálogos e as situações que envolvem os falantes. Além disso, o espaço e o tempo em que os fatos ocorrem são produtos de um planejamento prévio tanto do tema quanto do aspecto linguístico-discursivo. Já Marcuschi (2000 *apud* DIONÍSIO *et al*, 2002) afirma que a concepção da HQ é de base escrita, pois a narração é baseada em roteiros escritos como no cinema, apesar da tentativa de reproduzir a fala (geralmente informal), através de interjeições, reduções vocabulares, onomatopéias, gírias, além de expressarem os gestos e expressões dos personagens através do desenho. O texto da HQ é previamente preparado, não apresentando uma formulação livre, uma das características da conversação. Nele não se percebem as repetições e redundâncias próprias da oralidade, uma vez que há uma elaboração prévia, assim como acontece num texto literário.

Apesar desses aspectos de escrita, a HQ tem uma maneira particular de representar a fala: a utilização dos balões, um dos recursos não linguísticos específicos desse gênero. De acordo com Ramos (2009), o balão é um recurso gráfico utilizado para representar a fala e o pensamento, o que é diferenciado, geralmente, pelo contorno que lhe é dado e pelo rabicho que se direciona ao personagem. O contorno do balão significa também a forma como o discurso é proferido. Sobre isso, Ramos (2009:36) diz que a linha preta e contínua é o modelo mais neutro, simula a fala dita em tom normal e é comumente chamado de balão-fala. As linhas tracejadas sugerem voz baixa ou sussurro; a forma de nuvem revela o pensamento ou imaginação da figura representada; os traços em ziguezague variam conforme o contexto situacional, podendo indicar voz alta, gritos, sons eletrônicos.²

Como se observa, além de oralidade e escrita, a história em quadrinhos apresenta uma simbiose também entre linguagem escrita e visual, oferecendo ao leitor recursos linguísticos e

² Uma visão mais detalhada dos tipos de balão encontra-se em Ramos, P. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

Outros recursos não linguísticos, também específicos da linguagem dos quadrinhos, devem ser considerados no estudo desse gênero. Entretanto, deixamo-los para uma próxima discussão.

imagéticos diferenciados dos encontrados em outras narrativas. Segundo Santos e Silva, com esses recursos, a narrativa da HQ aproxima o leitor, fazendo com que ele experimente um mundo imaginário, cheio de sensações sinestésicas e metafóricas, mesmo quando se trabalha com temas de seu dia a dia. Afirmam, assim, que ao conjugar num mesmo texto a escrita e o desenho, a mensagem torna-se agradável e de fácil entendimento. Os autores ainda acrescentam que isso ocorre, porque leitor e autor estabelecem uma interação cujo centro é um assunto em comum, ao qual dedicam suas atenções visuais e cognitivas, por meio de uma atividade conversacional que muito se aproxima da linguagem de seu cotidiano. Esse diálogo entre os atores sociais (autor e leitor) nasce a partir de um sentido que se integra naturalmente aos contextos nos quais a comunicação se desenrola.

Ainda de acordo com Santos e Silva (*ibidem*), os desenhos trabalham a imaginação. As composições de cada página trazem a noção de vida e de animação. Por isso podem ser empregadas como fonte de informação ou de transmissão de conceitos, idéias, mensagens, bem como podem produzir reflexões na mente do leitor ao mesmo tempo em que este saboreia os desenhos e o humor, aumentando o tempo de absorção das informações.

Na visão de Pereira (2010), a HQ pode e deve ser utilizada na sala de aula, não só no ensino de língua (interpretação de texto, como é mais comum), mas também no ensino de História. Segundo o autor, “trata-se de um recurso didático, fonte de pesquisa e interpretação histórica, uma vez que pode trazer aspectos sociais do passado e pontos de partida para discussões conceituais, como o conceito de tempo e suas múltiplas dimensões temporais”.

De outro modo, no ensino de História, pode-se levantar a discussão para o fato de que o tipo de leitura que fazemos é um reflexo do momento sócio-histórico em que vivemos. Segundo Orlandi (2008:41), toda leitura e todo leitor têm suas histórias e “para um mesmo texto, leituras possíveis em certas épocas não o foram em outras, e leituras que não são possíveis hoje serão no futuro”. Nesse sentido, as diferentes leituras que fazemos dependem das condições sócio-históricas, onde as práticas sociais são vivenciadas. É por isso que leitor e autor podem, às vezes, atribuir sentidos diferentes às leituras de um mesmo texto, de acordo com a época em que estão inseridos. Sendo assim, é importante fazer a reconstituição histórica, o levantamento do contexto histórico de determinadas histórias em quadrinhos para o reconhecimento, a compreensão de seu sentido.

Se somos determinados sócio-historicamente e isso determina as leituras que fazemos, os documentos produzidos também sofrem dessa determinação. Portanto, como diz Pereira, “as histórias em quadrinhos também são suscetíveis às tensões históricas bem específicas”, representando, nesse sentido, um verdadeiro documento histórico. Sobre isso, o autor cita Fronza (2007:47), dizendo que “a peculiaridade da HQ como documento é o equilíbrio existente entre imagens e palavras, caracterizando um dos elementos que determinam a especificidade das histórias em quadrinhos como fontes históricas”.

Conclusão

Como vimos, as histórias em quadrinhos funcionam como um elemento de interação entre emissor e receptor, facilitada por esse gênero que utiliza recursos linguísticos específicos, humor e uma narrativa que se aproxima muito da oralidade, do tom informal para divertir, informar e conscientizar, objetivando uma construção cidadã. Nesse sentido, entendemos que é importante considerar as histórias em quadrinhos como documentação válida para melhor se observar questões relativas não só à linguagem, mas ao ensino de maneira mais ampla. Por isso, é relevante e necessário o desenvolvimento de pesquisas que, sob diferentes perspectivas teóricas (Análise da Conversação, Linguística Textual, Análise do Discurso, História das Idéias, entre outras), analisem as histórias em quadrinhos como uma manifestação discursiva

e cultural singular da sociedade contemporânea surgida em condições de produção específicas e como um instrumento que colabora para a constituição da memória social do século XX.

Referências Bibliográficas

- ASSIS, L. M. de. *Crônica: Um caso de dialogismo fala e escrita*. São Paulo: UNITAU, 2002. Dissertação de Mestrado.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes: 1997.
- DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. e MACHADO, A. R. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. **In:** DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. e MACHADO, A. R. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- EGUTI, C. A.. *A Representatividade da oralidade nas Histórias em Quadrinhos*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, 2001. Dissertação de Mestrado.
- MARINHO. E. S. *Histórias em Quadrinhos: a oralidade em sua construção*. Cadernos do CNLF, Série VIII, nº 12, Rio de Janeiro, 2004.
- MASCUSCHI, L.A. Letramento e Oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. SIGNORINI, I. *Investigando a relação oral/escrito*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- _____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (org.) *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. 8aed. São Paulo: Cortez, 2008.
- PEREIRA, L. O uso da história em quadrinhos no ensino de História: Will Eisner entra ou não na sala de aula? In *História, imagem e narrativa*. No 10, abril/2010 . Disponível em <http://www.historiaimagem.com.br>
- RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- ROJO, R. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso? SIGNORINI, I. *Investigando a relação oral/escrito*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- SANTOS, A. R. e SILVA, J. E. *A importância das histórias em quadrinhos como veículo de informação e entretenimento: a nova SIPAT*. Um estudo de caso. Disponível em http://www.projektoradix.com.br/arq_artigo/V_11.pdf.